

ENTRE VÍTIMAS E AUTORES:

SAÚDE DO HOMEM E VIOLÊNCIA LETAL INTENCIONAL

Wagner Soares de Lima

Mestre em Ecologia Humana

Professor do Instituto Federal de Rondônia

MATERIAL DE APOIO À APRESENTAÇÃO NO
CONGRESSO DHJUS | UNIR - 2025



Este trabalho nasce na Ecologia Humana, em diálogo com Saúde Coletiva, Criminologia, Geografia Humana, Psicologia e Direitos Humanos.

**O título já anuncia o incômodo:
entre vítimas e autores.**

Em praticamente todos os indicadores, os homens são maioria entre os mortos, entre os que matam e entre os encarcerados.

A pergunta que me orienta é: o que está acontecendo com os homens na Amazônia e no Brasil e o que isso revela sobre a organização do território, da justiça e das políticas de segurança pública.



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025
FUTUROS POSSÍVEIS



RESUMO

A violência letal intencional no Brasil expressa uma assimetria marcada por gênero: os homens constituem a maioria das vítimas, autores e encarcerados, revelando um fenômeno que ultrapassa explicações criminais e exige uma abordagem ecobiopsicossocial. Este trabalho analisa a tensão entre homens em risco e homens que põem em risco, considerando como vulnerabilidades biológicas, psíquicas, históricas, sociais e institucionais se entrelaçam na formação da masculinidade bélica contemporânea. O estudo adota metodologia teórica, fundamentada na Ecologia Humana, articulando contribuições da saúde pública, psicologia, psicanálise, sociologia,

geografia humana e criminologia. Argumenta-se que a prevenção da violência masculina requer compreender trajetórias formadas por socialização virilizada, fragilidade institucional, pertencimentos violentos e ausência de cuidado. Ao destacar a saúde do homem como eixo estratégico, o trabalho propõe caminhos para políticas intersetoriais capazes de reduzir a letalidade e ampliar futuros possíveis para a segurança pública.



Wagner Soares de Lima

Professor do IFRO
Mestre em Ecologia Humana, Especialista
em Gestão Pública e em Neuropsicologia
Foi Oficial da PMAL e da Segurança da
UFPE

Palavras-chave: masculinidades. saúde do homem. violência letal. segurança pública. prevenção.

Para acessar o material complementar desta comunicação, escaneie o QR Code.

Disponível em:

www.wagnersoaresdelima.com/dhjus





VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025

FUTUROS POSSÍVEIS



INTRODUÇÃO

A violência letal no Brasil, especialmente na Amazônia, não é apenas fenômeno criminal; é territorial, psicológico, biológico e histórico

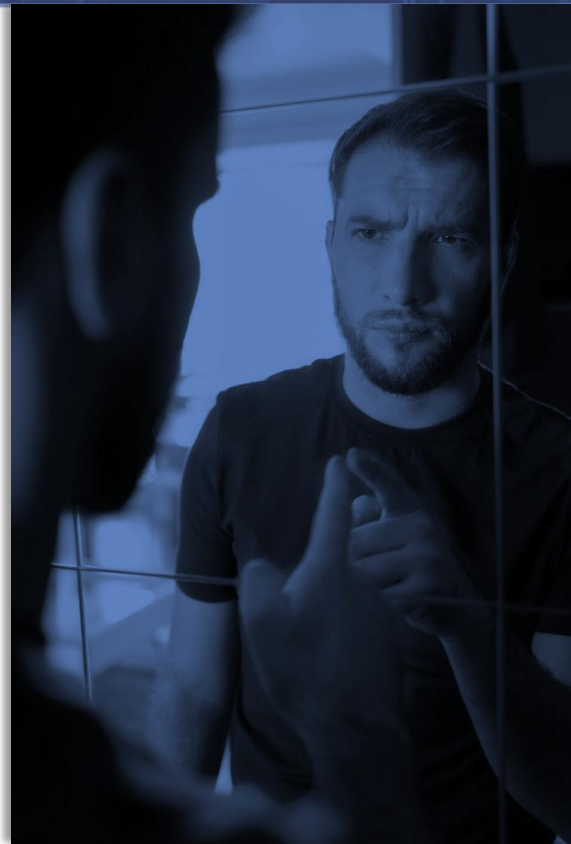
Ambiguidade epidemiológica e social dos homens.

Os homens são os que mais morrem e os que mais matam.

Os que põe em risco e que estão em risco.

Ecologia de vulnerabilidades: território, cultura, economia e saúde mental

A Saúde do Homem como eixo de Direitos Humanos e Prevenção à Violência





Quando observamos a violência letal no Brasil, especialmente na Amazônia, percebemos um fenômeno que não é apenas criminal; é territorial, psicológico, biológico e histórico.

Eu leio isso como uma ecologia de vulnerabilidades que atravessa território, cultura, economia e saúde mental.

Se quisermos pensar futuros possíveis para a segurança pública amazônica, precisamos recentrar o debate, tratando a saúde do homem como eixo de direitos humanos e de prevenção, não como apêndice da política criminal

**Os homens ocupam
um lugar ambíguo:
são os que mais morrem
e, simultaneamente,
os que mais matam.**



UNODC
Escritório das Nações Unidas
sobre Drogas e Crime



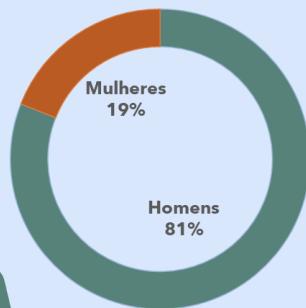
Mundo



81%



19%



FÓRUM BRASILEIRO DE
SEGURANÇA PÚBLICA



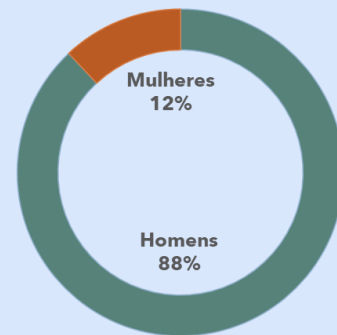
Brasil



88%



12%





Demonstração estatística da prevalência do sexo masculino

- Percebam que usamos aqui o contexto de violência criminal interpessoal.
- Há outros tantos tipos de violência.
- Para demonstrar a **prevalência do sexo masculino**, usaremos neste ensaio:

Mortes violentas intencionais

- homicídios dolosos
- latrocínios
- lesões seguidas de morte e
- mortes decorrentes de intervenção policial

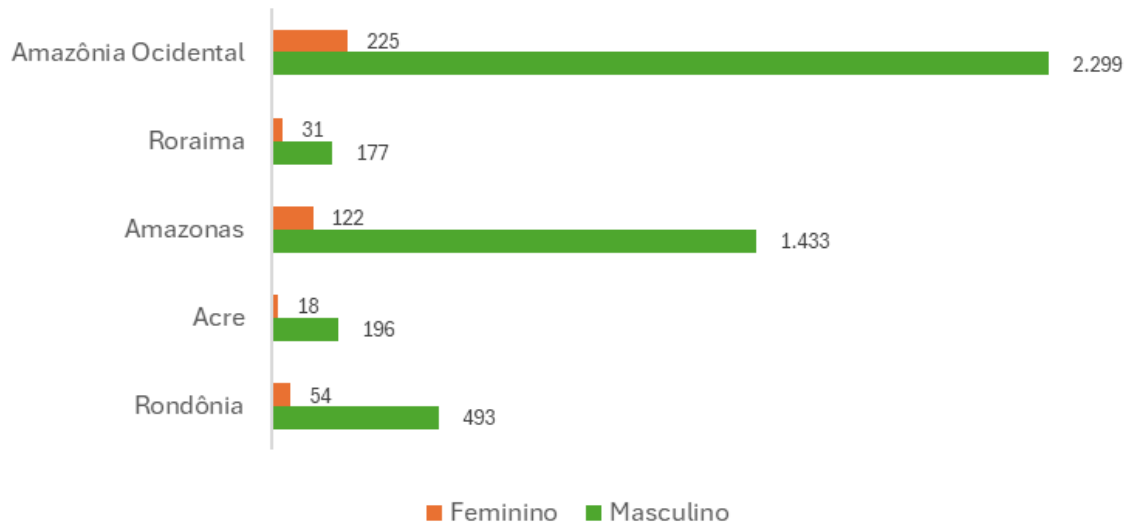
Mortes Autoprovocadas

- Suicídios consumados

Acidentes de transporte

- Acidentes terrestres no trânsito rodoviário

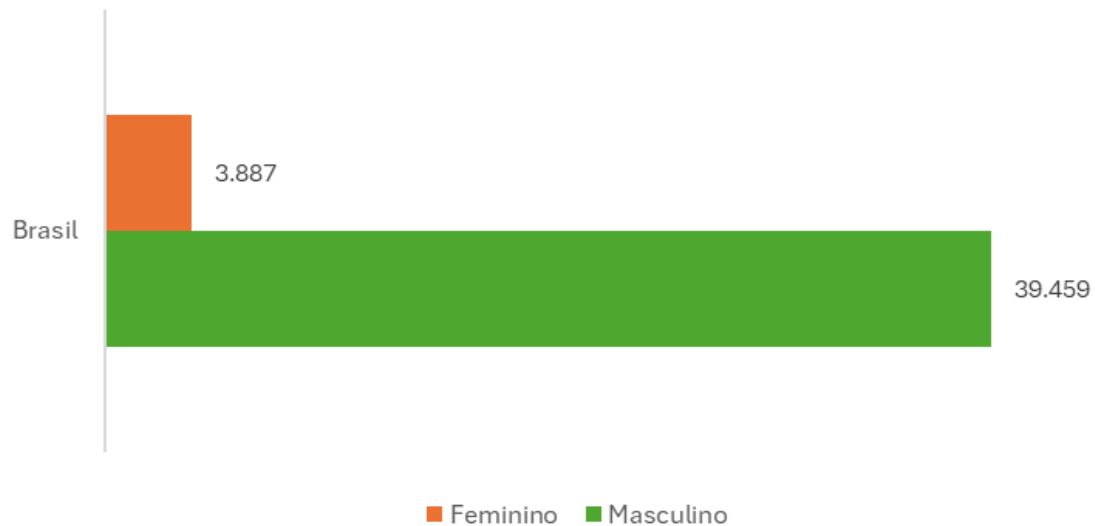
Óbitos por Agressões Intencionais, por Sexo, nos Estados da Amazônia Ocidental (2023)



Fonte: MS/SVS/CGIAE -
Sistema de Informações
sobre Mortalidade – SIM

DATASUS

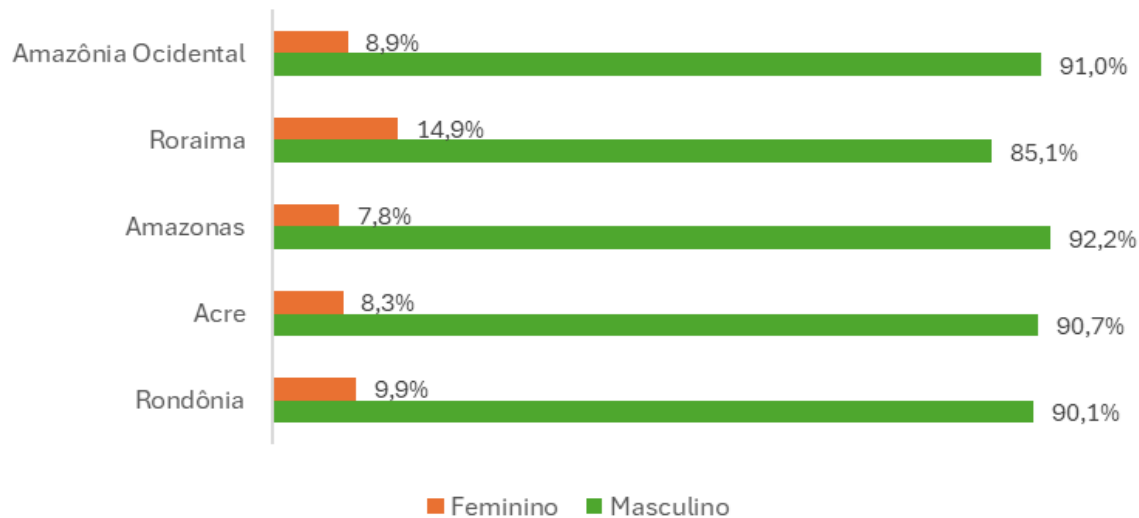
Proporção de Óbitos por Agressões Intencionais, por Sexo, no Brasil (2023)



Fonte: MS/SVS/CGIAE -
Sistema de Informações
sobre Mortalidade – SIM

DATASUS

Proporção de Óbitos por Agressões Intencionais, por Sexo, nos Estados da Amazônia Ocidental (2023)



Fonte: MS/SVS/CGIAE -
Sistema de Informações
sobre Mortalidade – SIM

DATASUS

Prevalência masculina

Desde quando comecei a pesquisar o impacto da violência sobre a saúde, intriga-me a performance do "homem" no processo em que esse fenômeno social se desenrola. Estudando Meninos e meninas de rua (Minayo et al., 1993) lá estão eles como o grupo principal de exposição.

Analisando a magnitude e a dinâmica dos infratores (Assis, 1999), os do sexo masculino são a maioria esmagadora. Observando os dados de mortalidade e de morbidade por acidentes (Minayo & Souza, 2003), ei-los em primeiro lugar. **Avaliando os óbitos por homicídios, ganham disparado como vítimas e agressores.**

Minayo, M. C. de S.. (2005). Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 23–26. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005>



Maria Cecília de Souza Minayo
Socióloga, Professora-Pesquisadora
da FioCruz. Departamento de
Estudos sobre Violência e Saúde
Jorge Careli - CLAVES

Prevalência masculina

Aprofundando as vulnerabilidades para uso de drogas, os homens correspondem à maioria dos usuários (Minayo & Deslandes, 1998). E, ainda, nos casos de suicídios, são eles que estão na frente em sua própria destruição (Minayo & Souza, 2003).

Lendo um trabalho de Laurenti (1998) sobre a problemática da saúde do homem, toma-se conhecimento de que a desvantagem masculina está presente em relação à quase todas as causas específicas de mortalidade, quando comparada à situação feminina.

Minayo, M. C. de S.. (2005). Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 10(1), 23–26. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005>



Maria Cecília de Souza Minayo
Socióloga, Professora-Pesquisadora
da FioCruz. Departamento de
Estudos sobre Violência e Saúde
Jorge Careli - CLAVES



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025
FUTUROS POSSÍVEIS



Superando Tabus, Mitos e Clichês

Compreender causas não significa justificar agressões

Sem desmerecer a dor das vítimas, precisamos entender o contexto do autor

Olhar para a violência masculina não implica negar feminicídio ou desigualdade de gênero

A necropolítica importa, mas não explica tudo

Este estudo não é tribunal nem panfleto: é campo de escuta

Meninos querem ser homens: sem modelos viris, o discurso não alcança

Fenômeno multifatorial eminentemente social, contudo não podemos ignorar as predisposições psicobiológicas (Cultura x Biologia)



GETTY IMAGES



gettyimages
Credit: MarsBars



É importante explicitar o propósito deste estudo. Não se trata de uma caça a culpados, mas de uma busca por causas. Compreender exige mais escuta do que julgamento.

Não busco justificar o injustificável nem relativizar sofrimentos, mas ler a violência letal entre homens com prudência ética, coragem analítica e sensibilidade humana.

Olhar para a violência masculina não implica negar feminicídio, abuso ou desigualdade de gênero. Ao contrário: parto da ideia de complementaridade, não de concorrência. As raízes que adoecem os homens também atravessam relações afetivas, familiares e comunitárias.

**Compreender causas não
significa justificar agressões**

**Sem desmerecer a dor das
vítimas, precisamos
entender o contexto do
autor**

**Olhar para a violência
masculina não implica
negar feminicídio ou
desigualdade de gênero**



**Compreender causas não significa justificar
agressões**

**Sem desmerecer a dor das vítimas, precisamos
entender o contexto do autor**

Mas como!? Se não temos os
dados sistematizados da
autoria e suas motivações?



**Será que a “intuição” da Geração
50+ de que as coisas pioraram
com o tráfico é verdadeira?**



SAPORI, Luís F. **Mercado das Drogas Ilícitas e Homicídios no Brasil: Um Estudo Comparativo das Cidades de Belo Horizonte (MG) e Maceió (AL).** Dados [online]. 2020, v. 63, n. 4. <https://doi.org/10.1590/dados.2020.63.4.223>.



Luís Flávio Saporì
Professor da PUC-MG

ARTIGOS ORIGINAIS

Mercado das Drogas Ilícitas e Homicídios no Brasil: Um Estudo Comparativo das Cidades de Belo Horizonte (MG) e Maceió (AL)

Luís Flávio Saporì

Doutor em Sociologia e professor do programa de pós-graduação em ciências sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, MG, Brasil.
E-mail: flaviosapori@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3398-7249>

INTRODUÇÃO

A elevada incidência de homicídios na sociedade brasileira a posiciona entre as mais violentas do mundo. Esse fenômeno tem sido objeto preferencial de estudos entre os especialistas do tema nas últimas décadas. Dispomos de diagnósticos precisos sobre sua dinâmica temporal bem como espacial. Já sabemos que a taxa de homicídios no Brasil manifesta tendência de crescimento desde a segunda metade da década de 1980, apresentando relativa estabilidade nos anos 2000 e voltando a crescer em anos posteriores. Até o final dos anos 1990 a Região Sudeste capitaneou esse processo de deterioração da violência urbana, sendo sucedida pelos estados do Norte e Nordeste. O recrudescimento da violência não se restringiu às grandes cidades e regiões metropolitanas. Cidades de pequeno e médio porte sofreram também com o crescimento da incidência de homicídios desde o início dos anos 2000. (Cerqueira et al, 2017; Waiselfisz, 2016; Cardia, Adorno e Poletto, 2003; Nobrega Jr, 2016).

Acumulamos conhecimento, ainda, sobre o perfil social das vítimas dessa violência ascendente. São preferencialmente jovens na faixa etária de 15 a 24 anos e do gênero masculino. Seu viés racial não suscita mais dúvidas, atingindo em boa medida os jovens negros. Os homicídios não se distribuem de forma homogênea no espaço urbano. Sua incidência é maior nas regiões mais pobres, caracterizadas por altos níveis de vulnerabilidade social (Soares, 2008; Cano, 2001; Peres et al, 2011).

Tabela 1
Distribuição dos Inquéritos Analisados Segundo o Ano de Ocorrência dos Homicídios

	2012	2013	TOTAL
Belo Horizonte (MG)	100	94	194
Maceió (AL)	120	181	301

Fonte: Dados da pesquisa. Elaboração própria.

SAPORI, Luís F. **Mercado das Drogas Ilícitas e Homicídios no Brasil: Um Estudo Comparativo das Cidades de Belo Horizonte (MG) e Maceió (AL).** Dados [online]. 2020, v. 63, n. 4.
<https://doi.org/10.1590/dados.2020.63.4.223>.



Belo Horizonte-MG

Tabela 2
Perfil de Gênero de Vítimas e Autores de Homicídios – Belo Horizonte (MG)

	Feminino		Masculino		Total
	Frequência	%	Frequência	%	
Autores	21	8	226	92	247 (100 %)
Vítimas	21	11	174	89	195 (100 %)

Fonte: Inquéritos policiais de homicídios com autoria identificada. Elaboração própria.

Maceió-AL

Tabela 6
Perfil de Gênero de Autores e Vítimas de Homicídios – Maceió (AL)

	AUTOR		VÍTIMA	
	frequência	%	frequência	%
Masculino	572	96	282	92
Feminino	24	4	24	8
Total	596	100	306	100

Fonte: Inquéritos policiais de homicídios com autoria identificada. Elaboração própria.



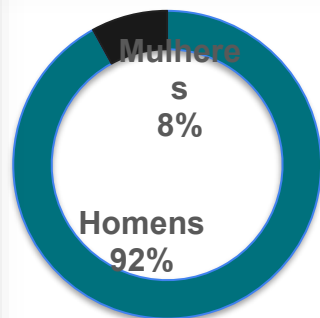
Belo Horizonte-MG

Tabela 2

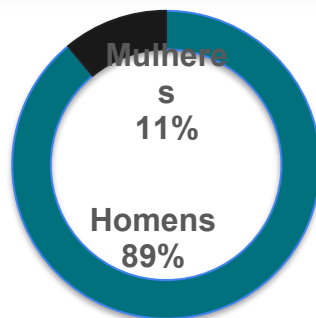
Perfil de Gênero de Vítimas e Autores de Homicídios – Belo Horizonte (MG)

	Feminino		Masculino		Total
	Frequência	%	Frequência	%	
Autores	21	8	226	92	247 (100 %)
Vítimas	21	11	174	89	195 (100 %)

Fonte: Inquéritos policiais de homicídios com autoria identificada. Elaboração própria.



AUTOR



VÍTIMA

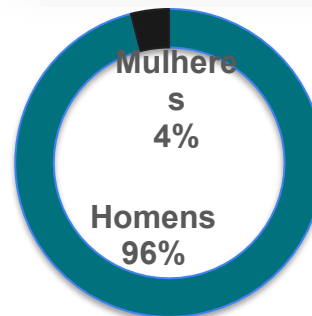
Maceió-AL

Tabela 6

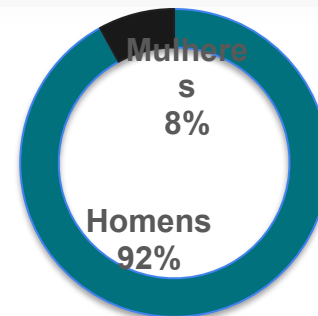
Perfil de Gênero de Autores e Vítimas de Homicídios – Maceió (AL)

	AUTOR		VÍTIMA	
	frequência	%	frequência	%
Masculino	572	96	282	92
Feminino	24	4	24	8
Total	596	100	306	100

Fonte: Inquéritos policiais de homicídios com autoria identificada. Elaboração própria.



AUTOR



VÍTIMA



Belo Horizonte-MG

Tabela 4
Motivação dos Homicídios – Belo Horizonte (MG)

	N	%
Mercado das drogas ilícitas	57	29
Rivalidade	54	28
Passional	25	13
Desentendimento	20	10
Vingança	12	6
Ação policial	4	2
Outros motivos	13	7
Indefinida	9	5
Total	194	100

Fonte: Inquéritos policiais de homicídios com autoria identificada. Elaboração própria.

Maceió-AL

Tabela 8
Motivação dos Homicídios – Maceió (AL)

	N	%
Mercado das drogas ilícitas	75	25
Rivalidade	70	23
Desentendimento	41	14
Passional	26	9
Vingança	21	7
Ação policial	4	1
Outros motivos	19	6
Indefinida	45	15
Total	301	100

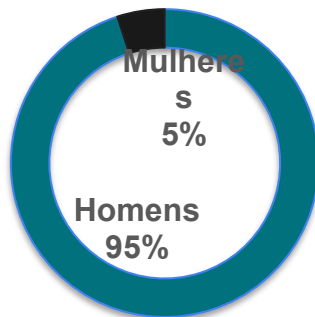
Fonte: Inquéritos policiais de homicídios com autoria identificada. Elaboração própria.



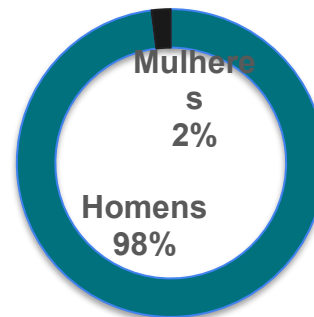
Belo Horizonte-MG

Motivação direta com o
Tráfico de Drogas

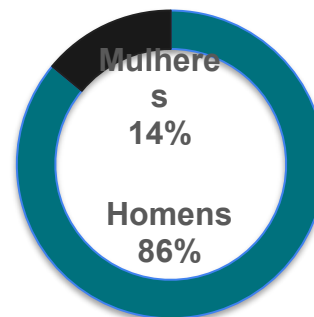
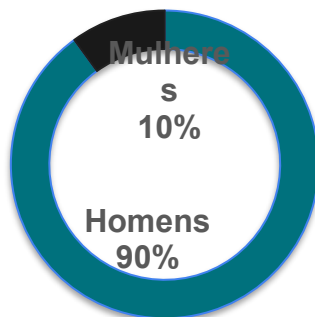
AUTOR



VÍTIMA

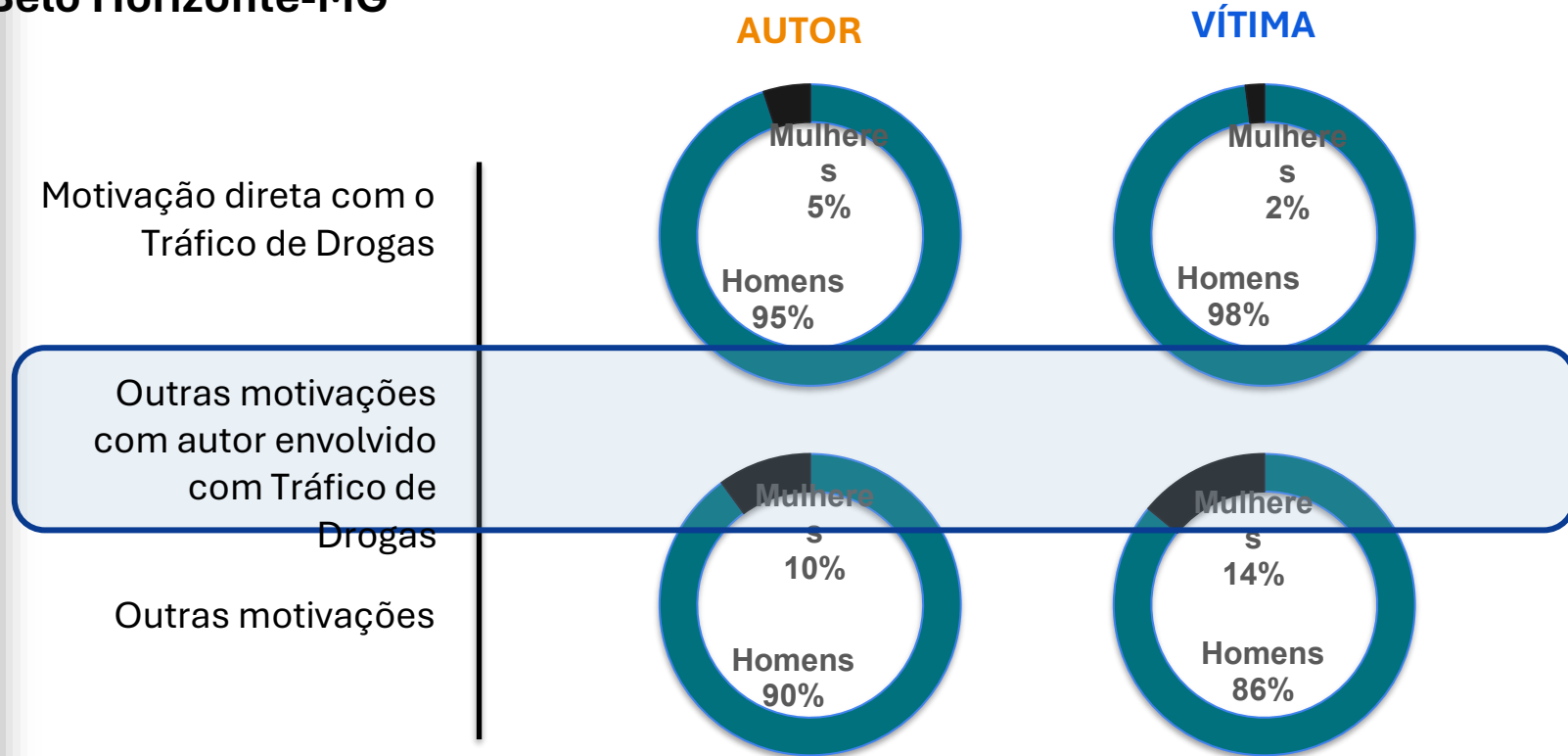


Outras motivações



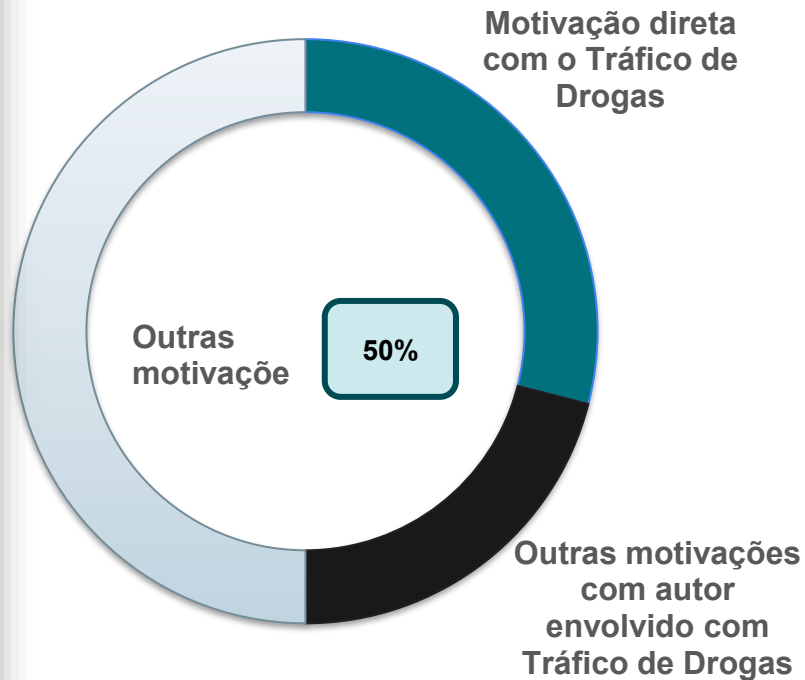


Belo Horizonte-MG

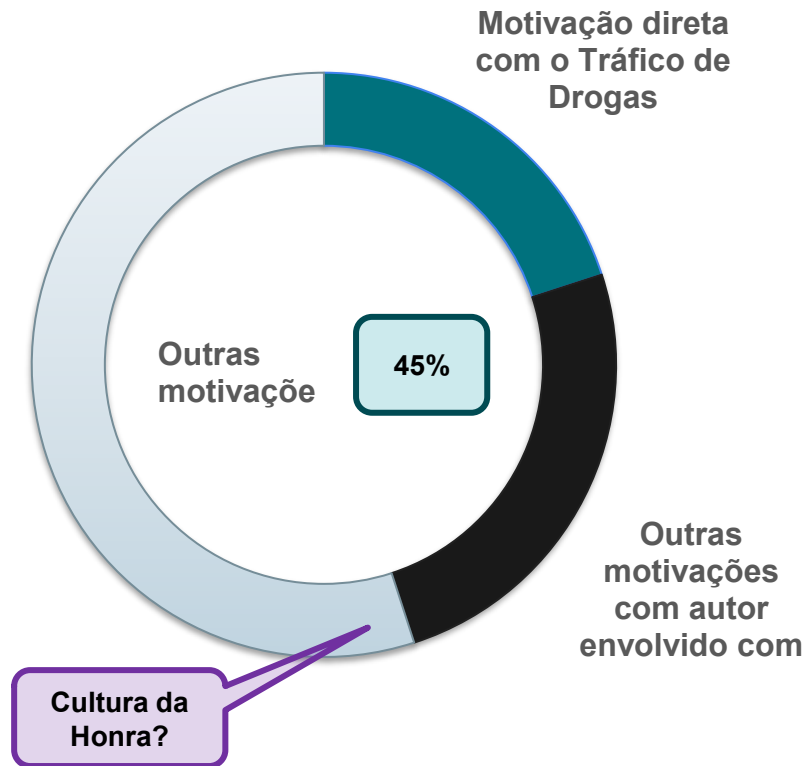




Belo Horizonte-MG

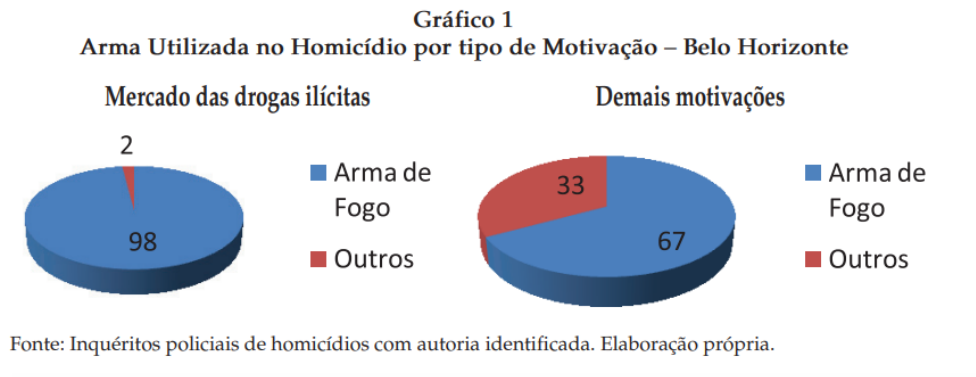


Maceió-AL

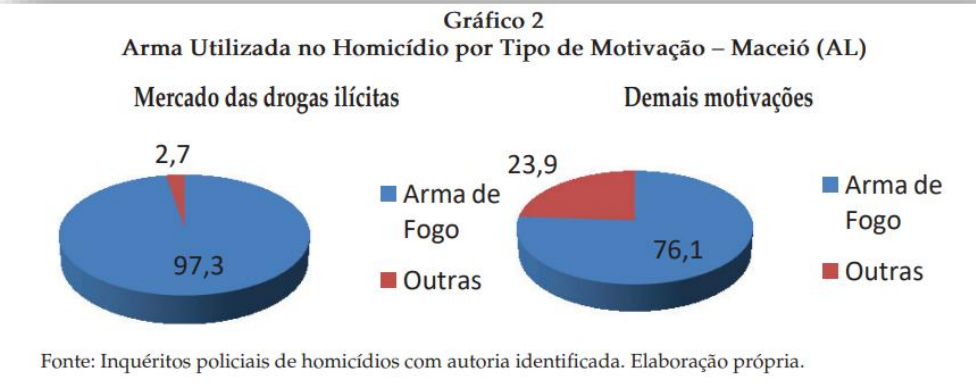




Belo Horizonte-MG



Maceió-AL



Dinâmica do Mercado de Drogas Ilícitas

- **Os homens são a maioria tanto como vítima como autores de homicídios**
- O tráfico explica por si só 25% dos casos
- Fora do tráfico, passa a surgir mais mulheres como autoras
- Entre os “homicidas”, é muito mais comum homens envolvidos com tráfico do que mulheres
- O tráfico induz os homens a portar arma e resolver suas questões pessoais com mais violência
- Fazendo o contexto geral do tráfico, chegar entre 45% a 50% das mortes com inquérito finalizado
- E há uma discrepância entre o número de mortes causadas pela polícia de outras fontes, quando se usa neste estudo os inquéritos finalizados



Reconheço, sem hesitação, a responsabilidade do Estado em mortes produzidas por necropolítica, violência institucional e seletividade penal.

Mas essa chave não explica a maioria dos homicídios entre homens comuns, fora da farda. Ignorar isso é perder grande parte do fenômeno.

**A necropolítica importa,
mas não explica tudo.**

É preciso investigar o peso da
narcopolítica nesse fenômeno.

**Este estudo não é tribunal, nem
panfleto: é campo de escuta.**

E há uma delicadeza geracional, que se articula com uma destreza pedagógica: os meninos querem ser homens. E leia-se másculos ou viris.

Se nossas propostas se restringem a uma sensibilização abstrata, sem oferecer modelos de masculinidade possíveis e desejáveis, eles não se reconhecem no discurso.

Por isso recorro à Ecologia Humana: para tratar a violência masculina sem ódio, sem ironia, e, ao mesmo tempo, responsabilizar o agressor e compreender o contexto em que ele foi produzido.

Tudo isso num campo interdisciplinar forte, no qual o ser humano é compreendido em sua integridade, junatamente com o ambiente modulado pelo (des)contínuo do tempo.

**Meninos querem
ser homens:**

sem modelos viris,
o discurso não
alcança.

**Fenômeno
multifatorial
eminentemente
social,**

contudo não
podemos ignorar as
predisposições
psicobiológicas.



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025
FUTUROS POSSÍVEIS



PROBLEMA, OBJETIVO, METODOLOGIA

Problema

Por que os homens morrem mais, matam mais e são mais encarcerados, e como isso se articula a saúde, território e masculinidades, especialmente na Amazônia urbana.

Objetivo

Analisar a tensão entre homens em risco e homens que põem em risco, concebendo a violência masculina como fenômeno humano e ecológico.

Metodologia

Revisão interdisciplinar como método de reconstrução teórica.

Ecobiopsicossocialidade como paradigma interpretativo.



Em termos acadêmicos, o **problema** pode ser formulado assim: por que os homens morrem mais, matam mais e são mais encarcerados, e como isso se articula a saúde, território e masculinidades, especialmente na Amazônia urbana.

O **objetivo** é analisar a tensão entre homens em risco e homens que põem em risco, concebendo a violência masculina como fenômeno ecobiopsicossocial, isto é, ecológico.

Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico em Ecologia Humana, com revisão interdisciplinar em saúde coletiva, psicologia, psicanálise, criminologia, geografia humana, relações internacionais e justiça criminal.

O foco não é a modelagem estatística, mas a construção de uma lente interpretativa para apoiar políticas públicas e formação de operadores de segurança e justiça



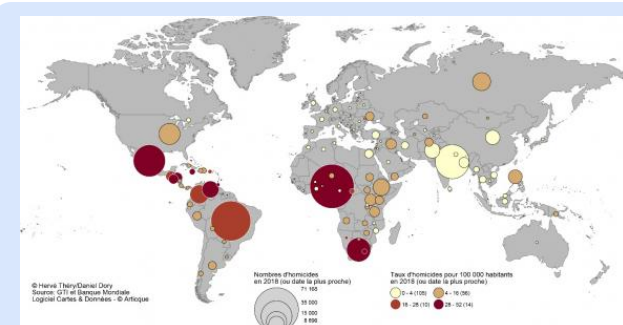
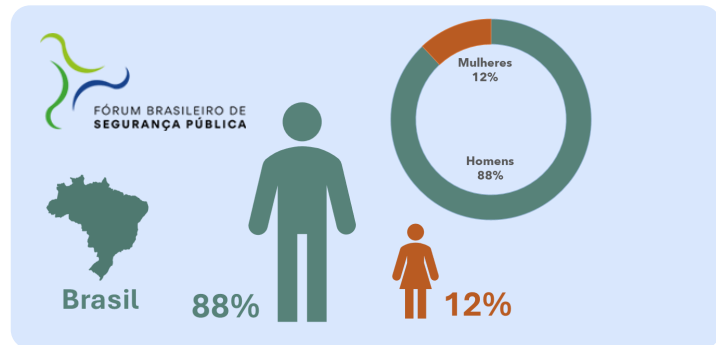
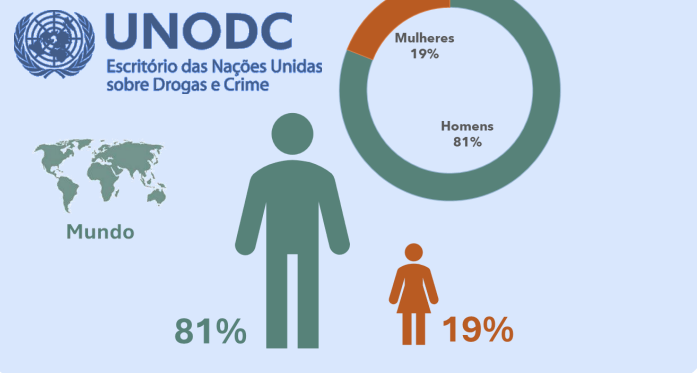
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025
FUTUROS POSSÍVEIS

Desigualdade, Território, Mundo

América Latina reúne cerca de 8% da população mundial e quase um terço dos homicídios globais

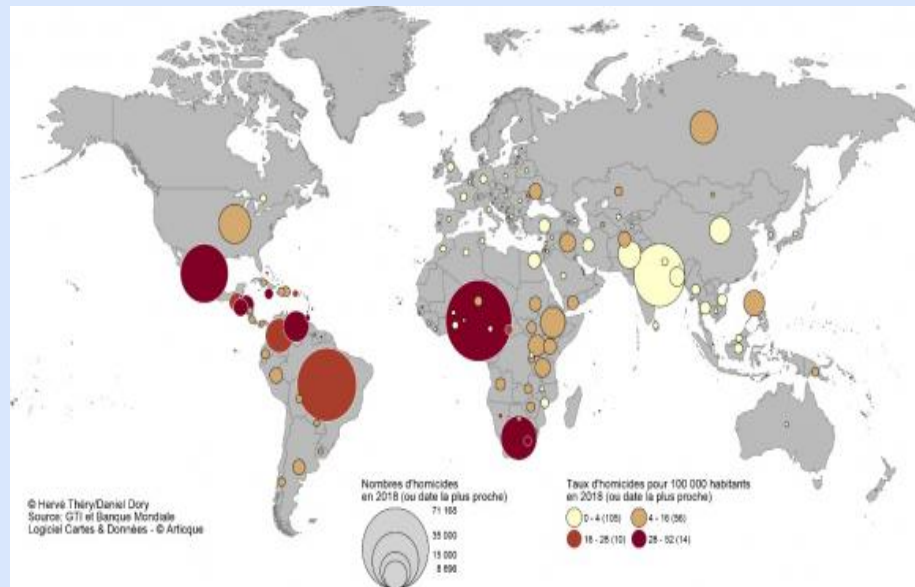
A masculinidade torna-se um marcador geopolítico de risco.

Reduzir a mortalidade masculina por causas externas atinge ODS da Agenda 2030, portanto, não é mero recorte temático: saúde, igualdade e paz



Na escala global, a **América Latina** reúne cerca de 8% da população mundial e algo próximo a um terço dos homicídios. É um descompasso estrutural.

Nesse contexto, a masculinidade torna-se um marcador geopolítico de risco: ser homem jovem, em determinados territórios, implica maior probabilidade de morrer e matar.





UNODC

Escritório das Nações Unidas
sobre Drogas e Crime



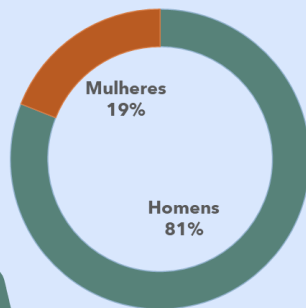
Mundo



81%



19%



FÓRUM BRASILEIRO DE
SEGURANÇA PÚBLICA



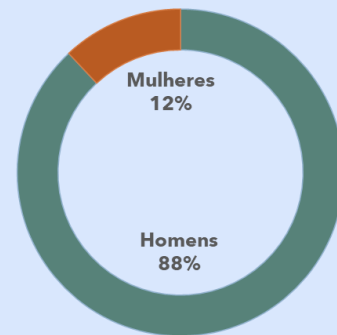
Brasil

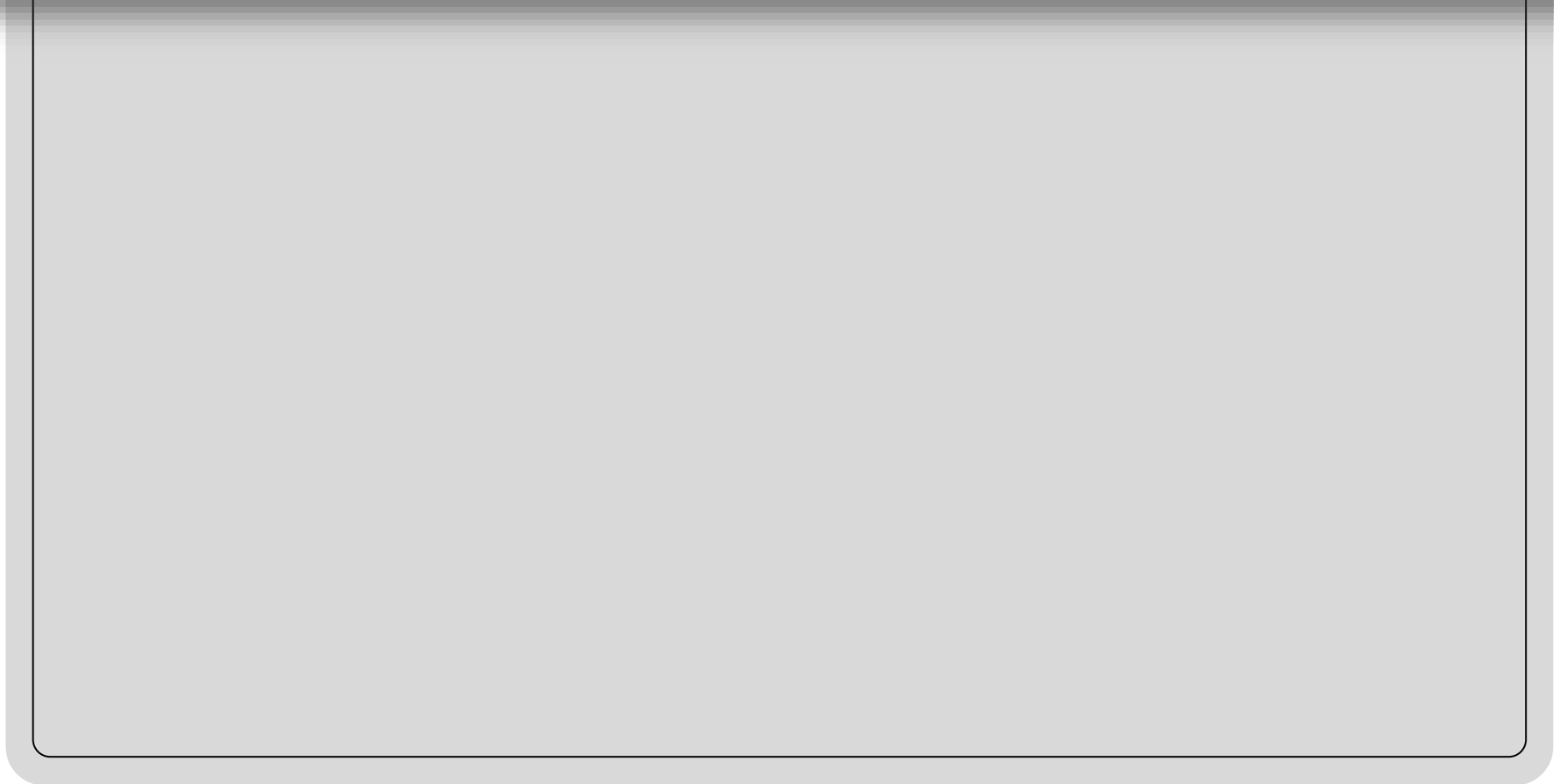


88%



12%





A Amazônia urbana expressa
isso de forma aguda:

- fronteira,
 - economia ilícita,
 - desigualdades persistentes e
 - presença seletiva do Estado produzem
territórios masculinos específicos:
-
- facções,
 - milícias,
 - esquinas,
 - bases policiais,
 - grupos armados.



16 PAZ, JUSTIÇA E INSTITUIÇÕES EFICAZES

Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis



3 SAÚDE E BEM-ESTAR

Assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todas e todos, em todas as idades



Se a **Agenda 2030** afirma compromissos com saúde, igualdade e paz:

reduzir a mortalidade masculina por causas externas e homicídios

é parte desse pacto internacional, e não mero recorte temático.



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025

FUTUROS POSSÍVEIS



Entre o Grito e o Silêncio

Nossas sociedades ensinaram que resistir importa mais do que sentir

**Silenciamento da dor e a resposta ao sofrimento por meio da força,
do risco e do entorpecimento**

Violência masculina como sistema vivo de causas e vínculos

O Menino que sobreviveu

Nossas sociedades ensinaram que resistir importa mais do que sentir

**Silenciamento da dor e a resposta ao sofrimento por meio da força,
do risco e do entorpecimento**

Violência masculina como sistema vivo de causas e vínculos





Gosto de sintetizar essa experiência na imagem entre o grito e o silêncio da dor masculina.

Nossa sociedade ensinou reiteradamente que resistir importa mais do que sentir. Essa pedagogia se reproduziu na família, nas ruas, nas igrejas, nas escolas e nas instituições.

O efeito é um regime de silenciamento da dor e de resposta ao sofrimento por meio da força.

Pela lente da Ecologia Humana, a violência masculina deixa de ser apenas objeto da segurança pública e aparece como sistema vivo de causas e vínculos.

O homem que morre e o homem que mata integram o mesmo circuito de sofrimento, cuja origem remonta à infância e à adolescência, e frequentemente termina em morte precoce sem cuidado e sem escuta

**Nossas sociedades
ensinaram que
resistir importa
mais do que sentir.**

Silenciamento da dor
e a resposta ao
sofrimento por meio
da força, do risco e do
entorpecimento.

Violência masculina
como sistema vivo de
causas e vínculos.



Daí a imagem do 'menino que sobreviveu'. Todo homem adulto, antes de responder por seus atos, foi um menino, o que não elimina responsabilidade, mas impede leituras descontextualizadas.

Esse menino ouviu que chorar era fraqueza, aprendeu a engolir medo para ser aceito e foi sancionado por qualquer sinal de vulnerabilidade. Cresceu em cenários de gritos, silêncios e cobranças, internalizando que ser homem é resistir a qualquer custo.

Na periferia, a rua substitui a escola e o respeito se organiza pelo medo.

Em classes médias, o conforto material convive com carência afetiva e exigência de desempenho.

A violência masculina é, em grande medida, efeito cumulativo de feridas psíquicas não tratadas:

- ausência paterna,
- repressão emocional,
- busca compulsiva de validação,
- combinadas a mecanismos neurobiológicos de risco e impulsividade.

Responsabilizar o adulto e, ao mesmo tempo, escutar o menino que ainda o habita e o olhar para o outro menino, seu filho, é condição de possibilidade para pensar prevenção robusta.



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025

FUTUROS POSSÍVEIS



As 3 dimensões da Ecologia dos Seres Humanos

A vida humana só é inteligível em sistemas de relação

O ecobiopsicossocial ampliado pelo 'eco' territorial e histórico

Três ecologias que se retroalimentam:
ambiental, social e mental

A violência emerge quando essas ecologias entram em colapso conjunto

Abordagem Ecobiopsicossocial

Circuitos: afetivo (família), simbólico (sociedade) e institucional (Estado)

Camadas [núcleo científico]:

biológica-evolutiva,

psicológica-simbólica,

histórico-social e

Institucional

Insights: Hipóteses/Pressupostos

Dinâmicas Interacionais do Crime

Quando afirmo que o estudo se ancora na Ecologia Humana, estou dizendo que a vida humana só é inteligível em sistemas de relação.

A Ecologia Humana é um campo de convergência disciplinar: biologia, psicologia, sociologia, antropologia, filosofia, saúde pública e políticas públicas articuladas em torno do humano em seu habitat simbólico e material.

O termo **ecobiopsicossocial** expande o modelo biopsicossocial típico da Saúde Coletiva; recolocando corpo, mente e sociedade imersos em contextos territoriais, históricos, institucionais e afetivos.

Habitualmente falamos em **três ecologias**:

- **ambiental**, que abrange os espaços físicos e construídos;
- **social**, que envolve vínculos, grupos e instituições; e
- **mental**, que diz respeito ao território interno das emoções, pensamentos e imaginário.

A violência masculina emerge com particular intensidade quando essas três dimensões se desorganizam simultaneamente em corpos masculinos educados para valorizar força e invulnerabilidade.



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025
FUTUROS POSSÍVEIS



O NÚCLEO: CAMADAS ECOBIOPSIKOSSOCIAIS

Camada biológica-evolutiva

Fornecer predisposições de risco: impulsividade, busca de risco, territorialidade, competição intra-masculina; sem qualquer determinismo simplista.

Camada histórico-social

Incorpora desigualdades, heranças coloniais, economias ilegais, sociabilidades de rua e formas localizadas de masculinidade..

Camada psicológica-simbólica

Organiza os significados internos: como o sujeito metaboliza dor, humilhação, perda, reconhecimento e pertencimento.

Camada institucional

Define o padrão de resposta do Estado: cuidado, limite, abandono ou violência.

Nenhuma camada, isoladamente, explica o fenômeno;
é a convergência delas que produz os padrões de violência masculina



As quatro camadas constituem o coração da aplicação da Ecologia Humana ao tema:

A **camada biológica-evolutiva** fornece predisposições de risco – impulsividade, busca de risco, territorialidade, competição intra-masculina – sem qualquer determinismo simplista.

A **camada psicológica-simbólica** organiza os significados internos: como o sujeito metaboliza dor, humilhação, perda, reconhecimento e pertencimento.

A **camada histórico-social** incorpora desigualdades, heranças coloniais, economias ilegais, sociabilidades de rua e formas localizadas de masculinidade.

Por fim, **a camada institucional** define o padrão de resposta do Estado: cuidado, limite, abandono ou violência.

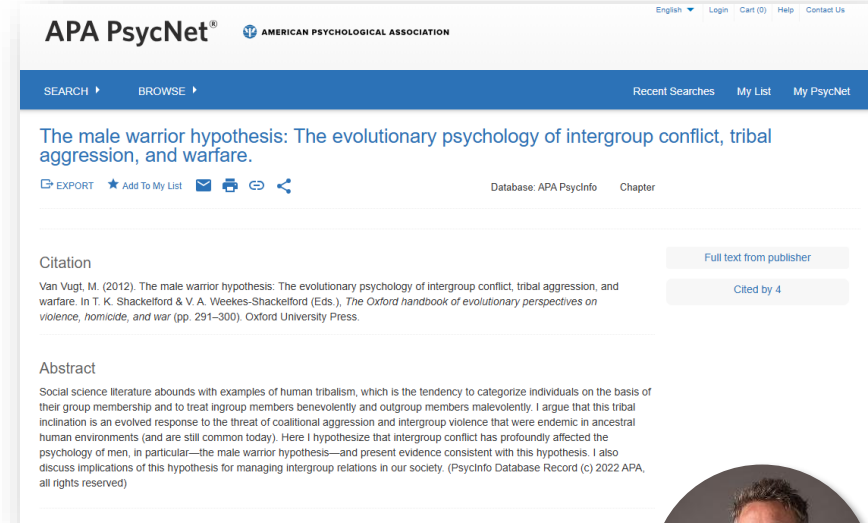
Nenhuma camada, isoladamente, explica o fenômeno; é a convergência delas que produz os padrões de violência masculina que observamos.

Hipótese do Guerreiro Masculino

Ao longo da história da espécie humana, os homens foram selecionados para formar alianças agressivas com outros homens do mesmo grupo a fim de proteger seus recursos, suas fêmeas reprodutivas e sua progênie, contra homens de grupos rivais.

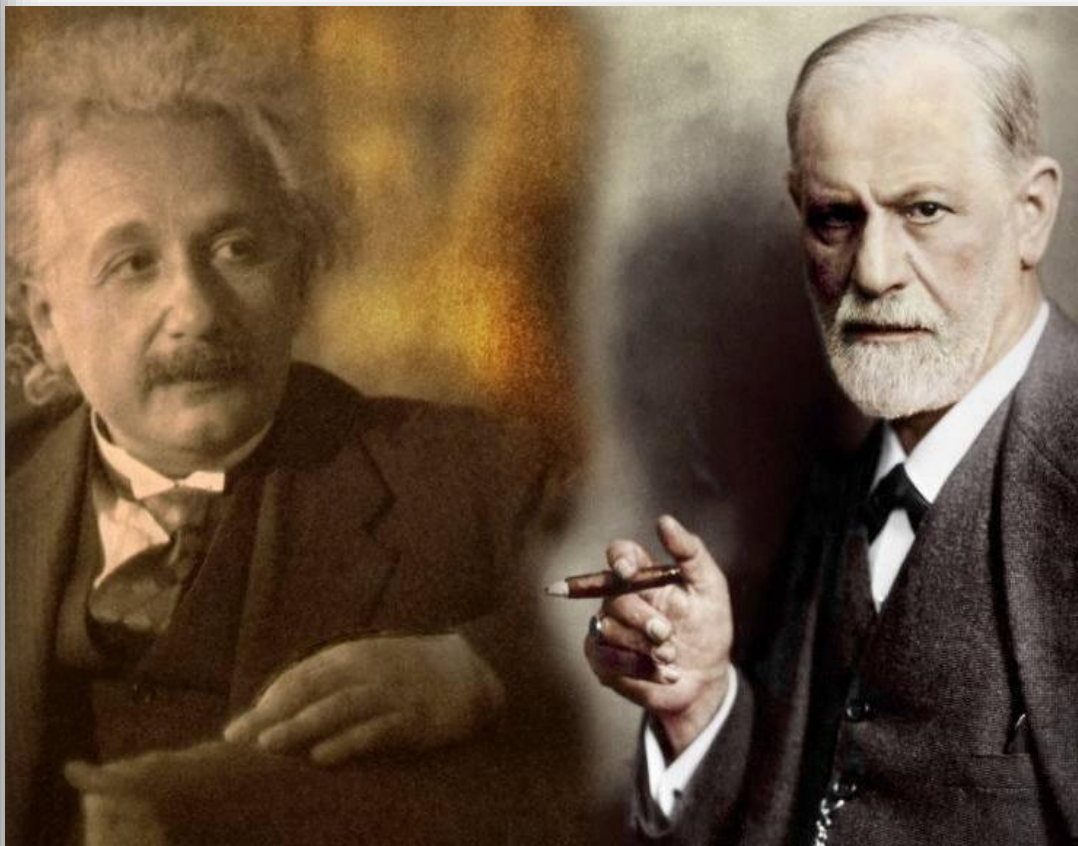
Participantes homens e mulheres foram colocados em jogos de laboratório simulando conflitos entre grupos...

VAN VUGT, M. **The male warrior hypothesis:** The evolutionary psychology of intergroup conflict, tribal aggression, and warfare. In: Shackelford, T. K. & Weekes-Shackelford, V. A. (Eds.). The Oxford handbook of evolutionary perspectives on violence, homicide, and war. 2012, pp. 291–300. Oxford University Press. <https://psycnet.apa.org/record/2012-18688-017>



Mark van Vugt

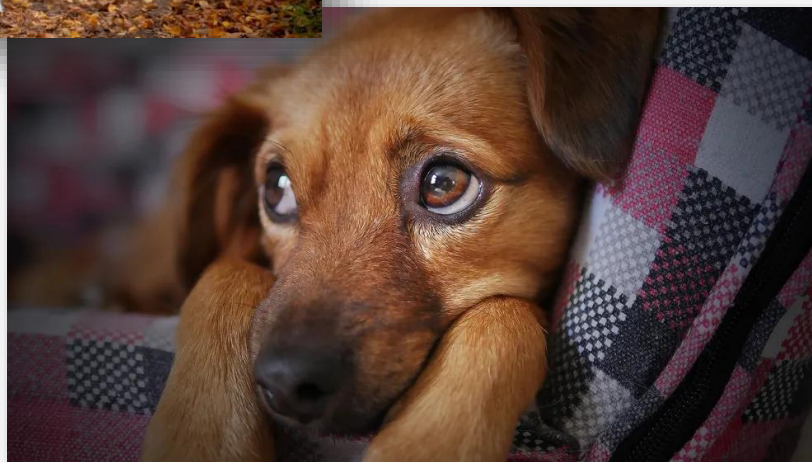
Pesquisador do Instituto de Antropologia Cognitiva e Evolucionista da Universidade de Oxford, professor honorário da Universidade de Kent e professor de psicologia na Universidade VU de Amsterdã, na Holanda.



Processo Civilizatório e Docilização

Essa comparação não é uma invenção minha, é de Sigmund Freud respondendo a uma carta de Albert Einstein, que questionava o médico austríaco sobre como evitar as guerras.

Freud, que viria ser considerado o pai da Psicanálise, nessa carta, que para mim é um verdadeiro tratado de Antropologia Ecológica, - ele - conclui que a violência é um aspecto inerente às formas pelas quais uma espécie oportunista, como é o caso dos sapiens, alçou ao topo das relações de uso e domínio no planeta.



Processo Civilizatório e Docilização

Portanto, o processo civilizatório seria equivalente ao de domesticação, ou para usar termos mais conhecidos, o de docilização.

Vejam que apenas nessa última frase você pode ver temas como a sociologia de Norbert Elias e da filosofia de Michel Foucault.



Clifford James Geertz
Antropólogo estadunidense,
professor emérito da Universidade de
Princeton



Donald Hebb
Psicólogo canadense influente na
área de Neuropsicologia

Hebb formulou em sua famosa hipótese — frequentemente resumida como “neurônios que disparam juntos se conectam” —, o ambiente simbólico é fundamental para a maturação das redes neurais. Geertz sintetiza isso de modo elegante: “o homem precisa de uma cultura para funcionar”.

Essa simbiose entre cérebro e cultura tem implicações profundas quando pensamos na socialização dos meninos e na construção das masculinidades.



Clifford James Geertz
Antropólogo estadunidense,
professor emérito da Universidade de
Princeton



Donald Hebb
Psicólogo canadense influente na
área de Neuropsicologia

Se por gerações os símbolos dominantes associados ao masculino enfatizaram força, dominação, desafio e superação do medo, não é de se estranhar que o sistema nervoso de muitos homens, ao longo de seu desenvolvimento, passe a requerer tais estímulos para se autorregular.

A ausência desses elementos em contextos modernos de **pacificação ou escolarização intensiva pode não produzir tranquilidade**, mas desorientação, sensação de **vazio** ou inadequação.



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025

FUTUROS POSSÍVEIS



13 Insights Ecobiopsicossociais da Violência Masculina

Impulsividade dopaminérgica e busca de risco
Baixa tolerância à frustração
Masculinidade reativa sob estresse
Honra e retaliação como gramática de conflito
Virilidade como valor central de reconhecimento
Pertencimento masculino mediado pelo risco e pela violência
Fragilidade emocional proibida ou ridicularizada
Vínculos afetivos masculinos frágeis
Masculinidade em crise e desencaixe simbólico
Territórios de conflito e governança armada
Cultura da honra e da força na latinidade
Heranças coloniais e desigualdades persistentes
Instituições seletivas, tardias ou violentas

Considerações Finais

As dinâmicas mostram como as instituições e grupos recrutam, moldam e retêm homens

A abordagem ecológica não prende ninguém, mas prevê trajetórias

Sem prevenção ecológica, a segurança pública se torna reativa

O homicídio é a ponta visível de processos longos e complexos

Cuidar de meninos e homens é estratégia de direitos humanos e segurança

1. Impulsividade dopaminérgica e busca de risco

A impulsividade dopaminérgica, reforçada por traços instintivos do macho mamífero e pela pressão social para que o homem prove coragem e competência, transforma o risco em anestesia psíquica, funcionando como válvula de escape num ambiente onde a adicção aparece como resposta silenciosa ao sofrimento.

2. Baixa tolerância à frustração

A baixa tolerância à frustração emerge de trajetórias em que o menino não aprendeu a simbolizar perdas nem a regular afetos, e, pressionado a ser forte e “dar conta”, vive a frustração como ameaça à própria identidade de provedor e protetor.

3. Masculinidade reativa sob estresse

Sob estresse, muitos homens entram em modo reativo, acionando mecanismos arcaicos de defesa e controle, especialmente quando carregam falhas de espelhamento paterno, ausência de contenção ética e sobrecarga de expectativas econômicas que colapsam sua autoimagem.

4. Honra e retaliação como gramática de conflito

A honra e a retaliação tornam-se gramáticas de conflito quando, sem rituais simbólicos de passagem, a afirmação viril depende da resposta imediata à ameaça, gerando círculos onde território, vergonha e reputação se tornam mais importantes que a vida.

5. Virilidade como valor central de reconhecimento

A virilidade como eixo de reconhecimento exige demonstrações performáticas de força, competência e autossuficiência, deixando pouco espaço para dúvida, queda ou vulnerabilidade, o que intensifica a dependência de adições para sustentar uma imagem que nunca se estabiliza.

6. Pertencimento masculino mediado pelo risco e pela violência

O pertencimento mediado pelo risco surge quando vínculos familiares frágeis, ausência paterna ou alienação parental empurram jovens para grupos onde a violência funciona como rito de entrada, “prova de valor” e substituto dos rituais sociais que desapareceram.

7. Fragilidade emocional proibida ou ridicularizada

A fragilidade emocional, proibida ou ridicularizada desde cedo, leva homens a esconderem dor e fracasso, substituindo a fala por autossabotagens, compulsões ou explosões agressivas, num mundo onde admitir vulnerabilidade é visto como romper o dever de ser forte.

8. Vínculos afetivos masculinos frágeis

Os vínculos frágeis, marcados por ausência paterna, alienação parental, comunicação emocional precária e sociabilidades rigidamente competitivas, deixam o homem isolado, sem contenção simbólica, tornando-o suscetível tanto ao colapso emocional quanto à captura por economias ocultas.

9. Masculinidade em crise e desencaixe simbólico

A crise e o desencaixe simbólico emergem quando os antigos roteiros de ser homem ruem e nada os substitui, produzindo sujeitos que oscilam entre nostalgia de papéis irreais e revolta diante de um mundo onde não sabem mais como exercer sua energia masculina sem guerra, rito ou direção.

10. Territórios de conflito e governança armada

Nos territórios de governança armada, a masculinidade se transforma em função territorial, onde a violência é um trabalho, uma identidade e um rito substituto, oferecendo ao homem aquilo que a família, a escola e o Estado não ofereceram: pertencimento, reconhecimento e contenção.

11. Cultura da honra e da força na latinidade

A cultura da honra e força latino-americana, herdeira de uma história de colonização, desigualdade e masculinidade performática, reforça códigos onde a contenção dá lugar ao confronto, e onde o silêncio emocional é tratado como obrigação viril.

12. Heranças coloniais e desigualdades persistentes

As heranças coloniais e desigualdades persistentes atravessam o corpo masculino, especialmente o mestiço e o periférico, gerando sujeitos que carregam guerras que nunca escolheram, transmitidas pela história, pela memória familiar e pelo território.

13. Instituições seletivas, tardias ou violentas

Instituições seletivas, tardias ou violentas: escola, justiça, saúde, assistência; reforçam o ciclo de sofrimento masculino ao aparecerem apenas no ápice da crise, negligenciando décadas de pressões de desempenho, sobrecargas e feridas emocionais que nunca receberam nome.



VI CONGRESSO INTERNACIONAL DHJUS 2025

FUTUROS POSSÍVEIS



13 Insights Ecobiopsicossociais da Violência Masculina

Impulsividade dopaminérgica e busca de risco
Baixa tolerância à frustração
Masculinidade reativa sob estresse
Honra e retaliação como gramática de conflito
Virilidade como valor central de reconhecimento
Pertencimento masculino mediado pelo risco e pela violência
Fragilidade emocional proibida ou ridicularizada
Vínculos afetivos masculinos frágeis
Masculinidade em crise e desencaixe simbólico
Territórios de conflito e governança armada
Cultura da honra e da força na latinidade
Heranças coloniais e desigualdades persistentes
Instituições seletivas, tardias ou violentas

Considerações Finais

As dinâmicas mostram como as instituições e grupos recrutam, moldam e retêm homens

A abordagem ecológica não prende ninguém, mas prevê trajetórias

Sem prevenção ecológica, a segurança pública se torna reativa

O homicídio é a ponta visível de processos longos e complexos

Cuidar de meninos e homens é estratégia de direitos humanos e segurança

As **dinâmicas interacionais do crime**, numa modelagem **socioecológica**, constituem o cenário concreto onde esses processos se materializam:

1) a **economia oculta** do crime e sua governança territorial, sendo o mercado de drogas ilícitas apenas um de seus braços;

2) o ciclo simbólico entre policiais e criminosos, que compartilham ethos bélico, numa **guerra particular**;

3) as **violências culturais da masculinidade**, baseadas em honra, retaliação e controle; incluindo o feminicídio;

4) e as **violências instrumentais**, mais racionais e praticadas por mulheres.

Classificando delas a violência habitual e a esporádica

Modelagem Socioecológica da Interação entre Masculinidades e Violência

Dinâmicas Interacionais do Modelo

Dinâmica 1

- **Violência gerada pela Economia Oculta:**
- o Mercado de Drogas Ilícitas.
- Disputas entre facções criminosas ("ganguês")

Dinâmica 2

- **Ciclo de violência policiais-criminosos**
- Letalidade policial
- Mortalidade policial

Dinâmica 3

- **Violência gerada por outros aspectos culturais das masculinidades:**
- Cultura da Honra
- Machismo
- Conduta habitual no contexto do Mercado de Drogas

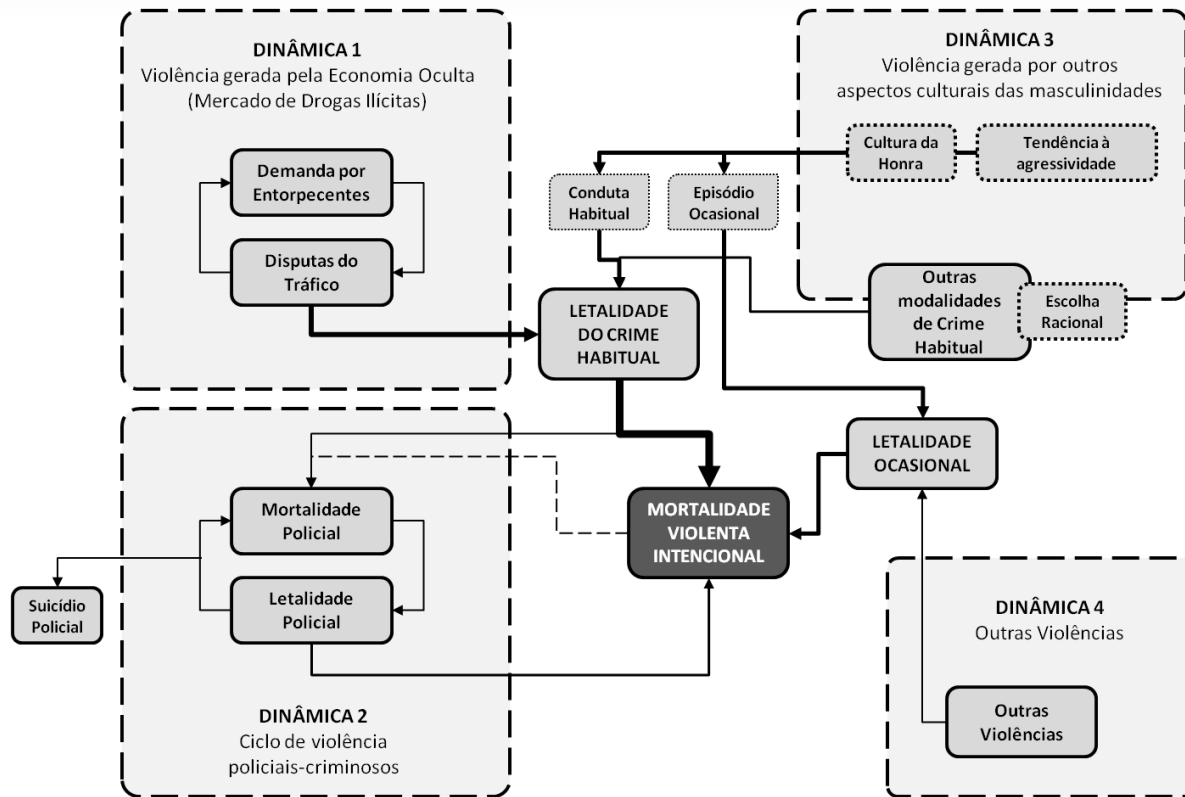
Dinâmica 4

- **Outras violências:**
- Escolha racional, teoria econômica do crime
- Crime cometido por mulheres



Wagner Soares de Lima
Mestre em Ecologia Humana

Modelagem Socioecológica da Interação entre Masculinidades e Violência



Wagner Soares de Lima
Mestre em Ecologia Humana



Do ponto de vista da política criminal, é importante frisar: a abordagem ecobiopsicossocial não prende ninguém.

Ela não substitui investigação, inteligência policial nem repressão qualificada.

Ela revela o que antecede o delito: as condições ecológicas, afetivas e simbólicas que tornam a violência possível.

Sem prevenção ecológica, a segurança pública se reduz a contenção temporária.

Se queremos futuros possíveis para a segurança pública, precisamos reconhecer que o homicídio é a ponta visível de um processo longo, atravessado por território, desigualdade e sofrimento psíquico.

Homens em risco tendem a se transformar em homens que colocam outros em risco.

Prevenir homicídios, portanto, implica cuidar da saúde física, mental e social de meninos e homens, sem abdicar da responsabilização.



Este é o ponto de virada:
uma segurança pública integrada aos
direitos humanos, que não apenas
reage ao que o **homem** faz; mas se
ocupa, com rigor e coragem
institucional, de **quem ele se tornou,**
como isso ocorreu, e do ambiente
que o produziu.



Referências

- ARCHER, John. Testosterone and human aggression: an evaluation of the challenge hypothesis. *Neuroscience & Biobehavioral Reviews*, v.30, n.3, p.319-345, 2006.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2018.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: informação e documentação – citações em documentos. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.
- BECKER, Gary. Crime and Punishment: An Economic Approach. *Journal of Political Economy*, v.76, n.2, p.169–217, 1968.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago, 1932.
- HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2017.
- HOLLIS, James. Under Saturn's Shadow: The Wounding and Healing of Men. Toronto: Inner City Books, 1994.
- KIMMEL, Michael. Manhood in America: A Cultural History. New York: Free Press, 1998.
- LAURENTI, Ruy. Mortalidade masculina no Brasil. *Revista de Saúde Pública*, v.32, n.4, p. 321-330, 1998.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.10, n.1, p. 23-26, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232005000100005>
- MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. Homens e drogas: vulnerabilidades sociais e saúde pública. *Ciência & Saúde Coletiva*, v.3, n.1, p. 43-56, 1998.
- MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R. Suicídio entre homens no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v.19, n.2, p. 331-339, 2003.
- NISBETT, Richard; COHEN, Dov. Culture of Honor: The Psychology of Violence in the South. Boulder: Westview Press, 1996.
- SAPORI, Luís Flávio. Mercado das Drogas Ilícitas e Homicídios no Brasil: um estudo comparativo das cidades de Belo Horizonte (MG) e Maceió (AL). *Dados*, v.63, n.4, p. 1-35, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/dados.2020.63.4.223>
- UNITED NATIONS OFFICE ON DRUGS AND CRIME (UNODC). Global Study on Homicide 2022. Vienna: UNODC, 2022.
- WORLD HEALTH ORGANIZATION. World health statistics 2024: monitoring health for the SDGs. Geneva: WHO, 2024.
- WORLD PRISON BRIEF. Brazil. Disponível em: <https://www.prisonstudies.org/country/brazil>. Acesso em: 28 set. 2025.
- SCHRAIBER, Lília Blima; GOMES, Romeu; COUTO, Márcia Thereza; PINHEIRO, Thiago F. Homens, masculinidade e violência: estudo em serviços de atenção primária à saúde. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v.15, n.4, p.790-803, 2012.